

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONSTRUÇÃO DE UMA PROPOSTA METODOLÓGICA CRÍTICO-SOCIAL

Augusto C. R. Ferreira

O problema

Educação Física

O simples pronunciar da expressão “educação física”, ou sua leitura em texto, evoca uma sessão de ginástica ou de um esporte de quadra conduzidos por um(a) professor(a) mais ou menos autoritário, “durão”, ou, ao contrário, uma versão “boazinha” da figura, que simplesmente traz uma bola e deixa a turma “se divertir” da maneira que quiser. Em ambas as situações, o que temos é um professor insensível, seja com relação às capacidades e limites dos alunos, seja com relação a um processo pedagógico responsável e eficaz. Ordinariamente, a idéia que fazemos da melhor Educação Física (EF) possível é aquela em que os alunos, de uma maneira mais ou menos agradável, tornam-se proficientes em alguma modalidade esportiva, e, de preferência, provam sua proficiência obtendo medalhas em competições desportivas. É claro, no entanto, que essa EF também está associada aos colégios onde toda uma vasta infra-estrutura desportiva, além de incentivos curriculares, promove e possibilita projetos de tal envergadura, e que são relativamente raros.

Além disso, a EF, enquanto disciplina curricular, apesar de obrigatória pela nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), mantém em geral o mesmo *status* nos países periféricos, o de uma atividade essencialmente supérflua, destinada a ser utilizada como uma espécie de prêmio fugaz, superficial e de fachada para a grande massa da população, e a ser usufruída de fato por uma minoria socioeconomicamente favorecida – seja nos colégios, seja nos clubes que esta minoria frequenta. A EF, tal como outras disciplinas escolares, não existe para desenvolver ao máximo possível

as potencialidades dos alunos (especialmente nos seus aspectos psicomotores), independentemente de suas respectivas posições sociais, mas sim como parte de um jogo em que os interesses econômicos, tais como a formação de mão-de-obra barata, qualificada no nível mínimo indispensável e submissa – isto é, não-pensante, no sentido de não-crítica –, estão muito acima de quaisquer utopias humanistas.

Por tudo isso, e talvez também por mais alguma razão, a EF escolar se reveste de marasmo pedagógico: não há tempo para a EF; tudo o que se espera de uma boa EF é um bom adestramento desportivo (e de uma EF medíocre, apenas recreação); os professores são desvalorizados e mal pagos; não há verbas ou infraestrutura para o perfeito funcionamento da disciplina; a inércia é bem mais fácil do que o pioneirismo.

Novas Abordagens

Desde, talvez, o início dos anos 1980, uma inquietação e um movimento social muito amplo, inclusive parcialmente apoiado pelo governo, tomaram nossa sociedade, na época ainda marcada pelos vestígios da onda *hippie* e da contracultura de uma maneira geral. Esta valorizava corpos magros, cabelos compridos, e uma aparência física geral que muito nos remete aos faquires indianos, se não fosse pela indumentária característica de uns e de outros. Aquele movimento veio praticamente a subverter esse estado de coisas: entrou em voga então o corpo “malhado”, atlético, forte e saudável que se tornaria o novo modelo popular e social; dos corpos que se queriam mais próximos das culturas orientais ou da “natureza” na época hippie, passamos aos corpos onde encontramos a marca da cultura ocidental em cada detalhe: do corte de cabelos aos calçados, passando por toda a musculatura que requeria um trabalho específico para sua manutenção. É óbvio que, numa situação destas, a EF terá um valor e um lugar privilegiados, na medida em que a entendermos não apenas como disciplina curricular, mas como o conjunto das práticas físicas orientadas por profissionais de EF, seja na escola, no clube, nas praias, nas academias ou mesmo nas ruas. Essa apropriação “mercadológica” do corpo e do conceito de saúde foi inevitavelmente incorporada pela EF, que através

de diversos segmentos e profissionais da área ajudou a incutir e reproduzir esse novo paradigma. Afortunadamente, esse amplo movimento foi também acompanhado de outro, mais ou menos simultâneo, e talvez mesmo decorrente dele; era um movimento mais intelectual e crítico do que físico e ligado à moda⁹, e também protagonizado por profissionais de EF: trata-se da dialética em ação!

Medina foi um dos protagonistas desse movimento crítico. Em seu livro *A Educação Física cuida do corpo... e “mente”!*, ele faz uma análise das vertentes que, a seu ver, constituem a EF de então: *convencional*, que seria próxima da EF tradicional, descrita no início deste relatório; *modernizadora*, que leva em consideração outros aspectos além do físico na abordagem do educando, tais como o psicológico; e *revolucionária*, que leva em conta, no processo pedagógico, não apenas os fatores individuais fortuitos, mas também os coletivos, isto é, sociopolíticos. O primeiro capítulo de seu livro é intitulado “A Educação Física precisa entrar em crise”, e nele o autor explica que somente uma crise poderia criar o ambiente favorável a uma tomada de consciência do *status quo* na área: “Uma crise que, com o tempo, permita a elaboração de projetos indispensáveis à superação de nossas alarmantes limitações na direção de uma realização existencial e profissional, pessoal e coletiva de maior amplitude”¹⁰. No entender do autor, somente a vertente “revolucionária” da EF poderia dar conta de tais projetos.

De forma semelhante, Ghiraldelli Jr.¹¹ também fez uma análise das vertentes que marcaram a EF brasileira, porém de um ponto de vista histórico e abrangendo um lapso de tempo bem maior (praticamente todo o século XX). Juntamente com um grupo de alunos, analisou 1.863 artigos, além de livros antigos, para, a partir desses dados, resgatar as tendências que a disciplina apresentou ao longo do tempo. Dessa forma, descreve como as grandes tendências de EF a “higienista”, a “militarista”, a “pedagógica”, a “competitivista” e a “popular”. Na tendência higienista, “a ênfase em relação à saúde está em primeiro plano”. Na militarista, “a EF deve ser suficientemente rígida para ‘eivar a Nação’ à condição de ‘servidora e

⁹ O autor não estabelece aqui uma relação necessária entre intelecto-crítica e físico-modismo; trata-se de um caso circunstancial.

¹⁰ Medina, João P.S. *A Educação Física cuida do corpo... e “mente”*. 8ª ed. Campinas: Papirus, 1989.

¹¹ Ghiraldelli Jr., P. *Educação física progressista*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1989.

defensora da Pátria””. Já na pedagogista, a EF “é encarada como algo ‘útil e bom socialmente’, e deve ser respeitada acima das lutas políticas dos interesses dos diversos grupos ou de classes”, enquanto na competitivista a EF “é sinônimo de desporto, e este, sinônimo de verificação de *performance*”. Quanto à tendência popular, ela é “antes de tudo, ludicidade e cooperação”. No entanto, em sua análise Ghiraldelli rejeita todas essas tendências, seja porque estão comprometidas com a manutenção das mazelas sociais, seja porque carecem de estruturação e conteúdos, ou de um saber sistematizado que viabilizasse, somado a outros vetores sociais, o surgimento de uma nova hegemonia social, mais democrática.

Pedagogia Crítico-social dos Conteúdos

Saviani, em seu texto “Escola e democracia”¹², no que se refere ao problema da marginalidade social, destaca duas visões de escola que originaram dois grupos de teorias educacionais: uma que entende “ser a educação um instrumento de equalização social, portanto, de superação da marginalidade”; outra que entende “ser a educação um instrumento de discriminação social, logo um fator de marginalização”. Cada um desses grupos gera, respectivamente, teorias não-críticas (pedagogias tradicional, nova e tecnicista) e teorias crítico-reprodutivistas (violência simbólica, aparelho ideológico do Estado e escola dualista). Como crítica a ambos os grupos, o autor aponta para uma pedagogia que supere a divisão do saber em nossa sociedade, e na qual o professor, por um lado, garanta a transmissão do saber acumulado aos alunos, e, por outro lado, seja capaz de compreender “os vínculos de sua prática com a prática social global”.

Libâneo¹³ faz uma classificação das tendências pedagógicas em duas grandes vertentes: a da pedagogia liberal (que abarca as pedagogias tradicional, renovada progressista, renovada não-diretiva, e tecnicista), e a da pedagogia progressista (que abrange as pedagogias libertadora, libertária, e crítico-social dos conteúdos). Segundo o mesmo autor, sob a ótica da pedagogia crítico-social dos conteúdos

¹² Saviani, D. *Escola e democracia*. , 24ª ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

¹³ Libâneo, José C. *Democratização da escola pública*. 9ª ed. São Paulo: Loyola, 1990.

(PCSC), o papel da escola é primordialmente a difusão dos conteúdos. “Não conteúdos abstratos, mas vivos, concretos e, portanto, indissociáveis das realidades sociais.” Na medida em que buscamos uma sociedade mais justa e democrática, a escola, parte que é da própria sociedade, deve ser alvo de uma transformação, para que contribua com sua parte para a transformação do todo social. Essa transformação, no sentido de atender aos interesses populares, deve garantir a possibilidade de os alunos, através da própria experiência, do domínio dos conteúdos, de sua participação ativa e da intervenção do professor, adquirirem uma visão mais organizada e unificada do “mundo adulto e suas contradições”.

Teoria x Prática

É exatamente na linha da PCSC que Ghiraldelli aponta o caminho para uma “Educação Física progressista”, capaz de dar conta desse projeto democrático. No entanto, o próprio Ghiraldelli reconhece em seu texto que os “modelos” ou tentativas *concretizadas* dessa proposta são muito raros, e surgem “de modo esporádico e atomizado”. Não tínhamos, à época da elaboração do projeto de pesquisa, conhecimento de nenhum desses “modelos” (Ghiraldelli cita um caso no Sul e outro no Nordeste do país) em que pudéssemos pautar a elaboração do curso de EF desportiva para o curso técnico, evitando erros e desgastes possivelmente já superados, ou aproveitando algum material didático adequado já confeccionado e em uso. Daí decorreu uma necessidade urgente, sentida pelo professor mesmo antes de iniciar seu curso: como ministrá-lo assumindo um referencial que privilegie os conteúdos, se não há nenhum texto de apoio? Textos subsidiários existem, e muitos, mas são textos acadêmicos voltados para os cursos superiores, que tratam em profundidade de cada tema ou tópico. Tal profundidade, além da linguagem utilizada, inviabiliza sua utilização no contexto do nível médio, de um modo geral. Não havia outra solução, então, a não ser a confecção de uma apostila específica, própria da disciplina, que abrangesse todos os tópicos relacionados a um aprendizado consentâneo com a diretriz da PCSC, que incluísse as particularidades de um curso de nível médio em saúde, e que tivesse sua linguagem voltada para o

perfil dos alunos desse curso. Some-se a isto o fato de que ela poderia então ser toda estruturada de acordo com o currículo do professor que a utilizaria. O próximo passo seria a organização, a melhor possível, dos rumos em que apontavam os trabalhos acadêmicos em teoria.

O contexto

Toda a teoria deveria, então, ser aplicada. Nesse caso, na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), pertencente ao complexo da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no seu curso técnico de segundo grau, disciplina Educação Física, modalidade (optativa) desporto.

Além das dificuldades anteriormente descritas, somava-se o fato de as aulas serem ministradas apenas uma vez por semana para cada turma (que confirmamos ser situação incontornável), o que por si só já inviabilizava grande parte dos objetivos pertinentes à EF. O que havia a fazer, então, era ministrar as aulas teórico-práticas do curso, entregar a apostila aos alunos e fazer o possível para que eles internalizassem as mensagens essenciais do curso, tais como a necessidade de praticar as atividades físicas mais do que apenas uma vez por semana para que se obtenham os resultados psicomotores (físicos), e a necessidade de *pensarmos* a nossa prática, seja no esporte, seja na vida.

Fora isto, felizmente pudemos contar, na escola, com o clima de apoio e liberdade na construção de propostas inovadoras (e conseqüentes), o que aliás é condizente com o perfil de uma escola que busca a politecnicidade, a “omnilateralidade” do ser humano e a formação completa do cidadão, trabalhador de uma sociedade que por sua vez busca consolidar-se numa democracia mais abrangente e menos marginalizante.

A proposta

Tendo em vista o contexto acima descrito, nossa idéia foi a de planejar um curso que, pelo lado teórico, trabalhasse conceitos importantes ligados à cultura física (esta entendida como todas as manifestações culturais que compreendem o corpo em movimento, tais como os esportes, ginásticas, danças, artes marciais etc.) e à formação geral que se pretende dar aos alunos do politécnico: ciência, tecnologia, ética, cidadania etc.

Pelo lado prático, decidimo-nos pela realização de aulas que, ao mesmo tempo que procurariam manter, na medida do possível, suas características de uma aula tradicional de EF, isto é, ensinar e treinar técnicas desportivas, também teriam a característica de se constituírem em um “painel” no qual os alunos pudessem experimentar a prática de variadas atividades físicas e esportivas que talvez não tivessem tido a oportunidade de vivenciar até então (e que talvez não mais teriam). Pretendíamos com isso, principalmente, eliminar o ranço e os preconceitos normalmente adquiridos pelos alunos ao serem obrigados a realizar uma prática física que discrimina e exclui os menos aptos ou menos motivados, e dar assim a justa oportunidade a cada aluno de conhecer, pela vivência própria, diversas modalidades práticas pelas quais pudessem, mais tarde em suas vidas, optar como uma prática física regular, o que se constituiria no ideal.

Assim sendo, pela parte teórica montamos o livro-texto, para uso dos alunos durante o curso. Tal produção levou em conta os fatos resumidos a seguir: 1) a EF tradicional está defasada em relação às demandas sociais contemporâneas; 2) várias propostas alternativas à EF tradicional foram apresentadas e discutidas em diversos trabalhos acadêmicos; 3) o professor autor do projeto optou pela alternativa da EF vinculada à pedagogia crítico-social dos conteúdos; 4) a opção por esta vertente demanda material teórico relativamente vasto e diversificado; 5) tal material, apropriado para uso com alunos de nível médio, era até então inexistente; 6) é preciso levar em consideração a formação humana dos alunos. O texto foi produzido sob a forma de uma apostila que pretendia ter as seguintes características: ser de fácil leitura, embora não simplista; atraente, porém exata; “enxuta” ao máximo, mas sem deixar de tocar nos assuntos que se inter-relacionam; apresentar os temas de interesse dos adolescentes, e também dos (futuros) adultos interessados em manter uma atividade física regular fundamentada em conhecimentos técnicos, científicos e filosóficos, além de vivências corporais diversificadas. Levando-se em conta essas necessidades, os temas abordados (história da EF, cultura física brasileira, primeiros socorros, organização de

competições, treinamento físico-desportivo, componentes da boa forma, atividade física em situações especiais, motricidade humana) foram por elas delimitados e norteados. Procedemos a uma ampla revisão bibliográfica, que nos pudesse subsidiar na produção dos textos, nas mais diversas áreas abrangidas pela proposta do livro-texto. Isto implicou, necessariamente, pesquisa em literatura de História, Antropologia, Psicologia, Filosofia, Sociologia etc., além de Fisiologia, Anatomia etc. Uma vez que a utilização de ilustrações foi por nós considerada fundamental do ponto de vista da clareza explicativa, como também do interesse que poderiam despertar nos alunos, ao tornar a leitura mais agradável, uma subsequente pesquisa iconográfica foi fundamental.

Dada à exigência de atualidade e eficácia da apostila, adotamos o uso imediato, no curso, de cada capítulo produzido, dando ensejo a repetidos testes práticos e à possibilidade de retroalimentação na confecção dos novos capítulos e/ou na alteração do próprio capítulo usado. Pela mesma razão, utilizamos também material e temas provenientes da mídia, já que esta faz parte visível do universo do público-alvo, e de todos nós.

Segue-se uma breve descrição de como foi e vem sendo utilizada a apostila no seu curso de origem: a forma de avaliação que utilizamos procura abranger os três domínios do corpo discente: cognitivo, socioafetivo e psicomotor. No que se referia à avaliação no campo cognitivo, conceitos como treinamento físico e esportivo, sistemas orgânicos, bioenergética e biomecânica foram considerados importantes, e suas idéias básicas são ministradas de modo mais ou menos aprofundado, de acordo com a capacidade e a receptividade de cada turma. Porém, antes mesmo de entrarmos em tais assuntos, tidos em geral como o supra-sumo dos estudos de EF, consideramos importante empreender um estudo acerca de fatos históricos e sociais que marcaram e ainda marcam os rumos da cultura física. A razão disto encontra-se no fato de que os assuntos “técnicos” básicos da prática física são facilmente encontráveis em qualquer mídia contemporânea, da televisão aos jornais e revistas; não seria necessário escrever muito mais a esse respeito. No entanto, nessa mesma mídia evita-se ao máximo o saudável aprofundamento em questões éticas ou axiológicas, muito embora alguns especialistas técnicos que nela têm privilegiado espaço queiram dar a entender que tudo que precisamos saber a respeito de ética seja seguir a cartilha por eles ditada, e que a melhor

consciência crítica seja aquela que compara os preços dos diversos produtos e serviços, numa atitude cidadã de verificação da relação custo/benefício!...

Buscamos, então, através de uma retrospectiva histórica que atravessa diversas épocas e culturas, evidenciar o caráter relativo de muitos mitos, e também de coisas que recorrentemente são apontadas como os verdadeiros ideais humanos pelas mentes pensantes dessas diversas culturas.

Acreditamos que alguns conceitos precisam ser debatidos e compreendidos. Tais conceitos poderiam ser resumidos nas seguintes palavras-chave: trabalho, cultura, cultura física, Educação Física, ideologia, moral e ética, leis e regras, lazer, competição, preconceito, narcisismo, cooperação, e felicidade. Por isso, buscamos ao longo dos três anos de curso pesquisar os significados desses termos (em trabalhos extraclasse) e debatê-los em aula. Partindo das definições de dicionários, tentamos estabelecer uma seqüência de perguntas que podem parecer até óbvias ou tolas, mas nos conduzem aos fatos que se situam por detrás das aparências, do “óbvio”. Procuramos entender o *porquê* das coisas. Exemplificando: o que é *trabalho*? É algo que se faz para ganhar dinheiro? Então os povos indígenas (não aculturados) não trabalham? Poderia a espécie humana ter sobrevivido e sobrepujado as demais espécies animais competindo com elas apenas com a ajuda de força, unhas e dentes? O que foi importante neste “sucesso”? Poderíamos viver sem trabalhar? O que tem acontecido às pessoas que passam a vida em trabalhos “sedentários”? As perguntas podem estender-se ao infinito, mas procuramos guiar a reflexão no sentido do esclarecimento daqueles conceitos-chave, e de idéias importantes na formação da cidadania. Sempre que uma ocasião o permita, relembremos a definição dos termos e as conclusões a que chegamos, para fazer comparações com situações da própria aula, dos jogos ou de eventos marcantes noticiados pela mídia. Finalmente, uma prova escrita é realizada a cada bimestre, tratando dos assuntos contidos nos módulos estudados e nas discussões feitas em aula.

Note-se que buscamos duas coisas importantíssimas com essas aulas teóricas: primeiro, *adquirir conhecimento*, conhecimento de fatos, de termos, de “ferramentas”; segundo, *adquirir capacidade crítica*, o hábito do raciocínio, do questionamento, do “uso das ferramentas”. Esta última meta é a mais difícil, porque o próprio professor terá sempre muito que aprender, muito que se exercitar, inclusive em termos de humildade e

honestidade (essenciais ao verdadeiro diálogo), e também em termos de coragem e persistência na defesa dos ideais que professa.

Seguindo essa mesma diretriz, acreditamos que podemos e devemos aproveitar qualquer fato social que sirva de ilustração, seja como exemplo ou como contra-exemplo. E isto será tanto mais importante quanto mais influência tenhamos sobre os alunos ou sobre a sociedade em geral. Por exemplo, por que praticamente todos os jovens, em determinada época, cultuaram uma imagem de *bad boy*? Será a violência algo desejável? Seria justificável em “certas ocasiões”? Será que é essa a idéia que as academias de jiu-jitsu, judô, ou qualquer outra arte marcial estão divulgando? Será que sempre foi assim? Será que uma pessoa violenta realmente não tem medo, ou será que é justamente o medo que a faz violenta? Quais as origens de nosso medo? Essas são perguntas bastante atuais e bastante pertinentes, por mais controversas que sejam, e acreditamos ser dever do professor discutilas com seus alunos, já que das respostas obtidas construiremos a base de um comportamento diferente.

Os capítulos da apostila foram concebidos para serem utilizados um por bimestre, concomitantemente à prática física correspondente. Por exemplo, no capítulo 1, em que estudamos as origens da EF e as atividades físicas dos gregos antigos, praticamos atletismo; no capítulo 2 encontramos referências às artes marciais, e praticamos karatê ou esgrima; e assim por diante. Consideramos essa tentativa de correlacionamento útil aos alunos, na retenção de idéias e no enriquecimento psicomotor, cultural, emocional etc.

Embora o texto tenha sido redigido com a preocupação de ser de linguagem bem simples e acessível, algumas palavras podem não ser do conhecimento do aluno: um glossário com as palavras que se revelaram mais problemáticas acompanha a apostila.

Preferimos inicialmente não avaliar os alunos do curso no que se refere ao domínio psicomotor, pois as escassas aulas semanais (às vezes quinzenais ou mais espaçadas, por motivos de feriados ou de eventos internos e externos à EPSJV) não seriam absolutamente suficientes para lhes proporcionar condições mínimas de melhorias funcionais. Por outro lado, simplesmente exigir desempenho físico durante o curso ou as provas, supondo que os alunos terão tempo e/ou motivação para treinamento físico em casa ou em qualquer outro lugar fora da escola, seria ingenuidade, dados os seguintes fatos: 1) o curso era (e ainda é) de horário integral; 2) a carga de trabalhos

extraclasse exigida pelas demais disciplinas é enorme; 3) a EF não goza do mesmo *status* que as demais disciplinas acadêmicas.

Finalmente, quanto ao domínio socioafetivo, esquematizamos alguns parâmetros que de algum modo indicariam o interesse e o comprometimento dos alunos com o curso e sua turma, tais como assiduidade às aulas, e adaptamos a taxionomia de Krathwhol, Bloom e Masic¹⁴ para uso no curso. Os próprios conceitos trabalhados nas aulas serviriam de referencial para ajudar nessa avaliação: valores, ética, cooperação etc.

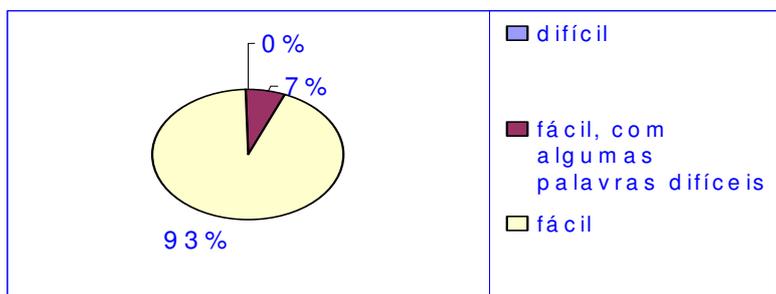
Avaliação

Não há como alienar a apostila produzida do curso de EF que lhe deu origem. Aquela existe por uma demanda íntima deste, e este existe firmemente apoiado naquela. Daí decorre que uma avaliação da apostila pode e deve ser feita levando-se em consideração, também, uma avaliação dos resultados do curso.

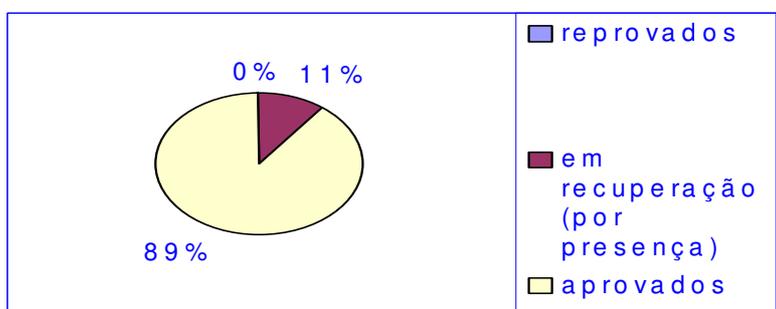
Com relação à apostila, o autor a avaliou de duas maneiras: de um lado, por meio de um questionário direto aos alunos para que estes a avaliassem quanto a seu entendimento; de outro lado, o próprio resultado dos alunos nas provas teóricas do curso seria a prova mais objetiva desse aproveitamento.

Com relação ao curso como um todo, isto é, à nova proposta de EF, a avaliação foi feita também por questionário aos alunos do curso. O autor considerou que essa avaliação subjetiva por parte do corpo discente tem grande valor para que o processo pedagógico faça algum sentido. Seria ilusório esperar que os alunos aproveitassem e retivessem o máximo de benefícios de um curso que julgassem desinteressante.

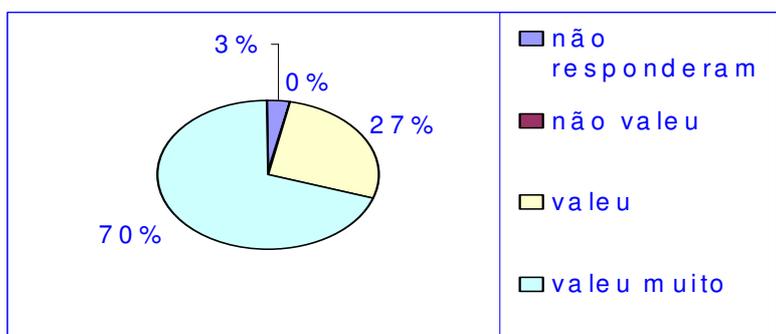
¹⁴ Vide MAGILL, R. *Aprendizagem motora: Conceitos e aplicações*. São Paulo: Edgard Blücher, 1998.



Avaliação da apostila pelos alunos



Aproveitamento dos alunos no curso



Avaliação do curso pelos alunos

OBS.: Avaliações de opinião feitas com base em questionário anexo.

Uma comparação com os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais)

Os PCN foram publicados em data posterior à elaboração do curso aqui descrito. Uma breve comparação entre ambos, no entanto, será de interesse. Seleccionamos alguns pontos do PCN de EF, ensino médio, para sobre eles tecermos alguns comentários.

Inicialmente, o texto oficial chama a atenção para a necessidade de a EF escolar procurar desenvolver a “totalidade dos alunos, e não apenas os mais aptos” do ponto de vista desportivo. Em seguida, sugere que a EF aborde o aluno de forma “lúdica, educativa e contributiva para o processo de aprofundamento de conhecimentos”. Recomenda que a EF escolar busque a construção de um “esporte da escola”, em vez de implantar o “esporte na escola”, isto é, busque um esporte que atenda às demandas específicas do ambiente escolar, e não adaptar os alunos às exigências usuais que o esporte de rendimento faz a todos indistintamente, no afã de resultados desportivos, ou seja, das medalhas desportivas. Tal recomendação se coaduna com a refutação de Ghiraldelli à tendência competitivista da EF escolar.

O PCN de EF chama a atenção também para a necessidade de a EF ser abordada como área de estudos “fundamental para a compreensão do ser humano enquanto produtor de cultura”, o que, em nosso entender, implicaria um estudo da cultura física contextualizada. Recomenda que os professores de EF, ao lidarem com a usual “heterogeneidade de rendimentos [dos alunos] em todos os domínios”, tenham a “educação para a saúde com uma de suas idéias centrais”. Para tanto, os professores fariam uso de seus conhecimentos das relações entre a atividade física e os parâmetros anatomofisiológicos indicadores de higidez.

Ao final do texto, o PCN de EF lista “competências” que deveriam nortear o trabalho com a EF escolar no nível médio. Entre elas figuram: “os conhecimentos e aprendizagens que subsidiam o educando para o autogerenciamento das atividades corporais”; “Compreender as diferentes manifestações da cultura corporal”; “Participar de atividades em grandes e pequenos grupos, compreendendo as diferenças individuais e procurando colaborar para que o grupo possa atingir os objetivos a que se propôs”.

Consideramos que, de um modo geral, todas essas recomendações são contempladas no curso aqui descrito, quando não são *ipsis litteris* os mesmos objetivos.

Considerações finais

As seguintes considerações, escritas à época do relatório final do projeto que deu origem ao formato geral do curso e à produção do livro-texto, podem servir agora como diagnóstico do trabalho realizado:

A apostila foi usada ao longo de quatro anos letivos, se bem que não em sua totalidade nesses quatro anos, mas o uso a aprovou e aperfeiçoou. O professor a considera satisfatória, ressalvadas todas as observações anteriormente feitas e possíveis melhorias. As evidências deste julgamento encontram-se tanto no aproveitamento dos alunos no curso (um critério mais objetivo) quanto em frases como estas, escritas pelos alunos ao término do ano letivo: “a linguagem é fácil e atual”; “Trata os assuntos com uma linguagem de fácil compreensão (especialmente os mais difíceis)”; “a linguagem é bem clara e objetiva”; “Acho até que o professor deveria juntar todas as apostilas¹⁵ e fazer um ‘Pequeno Manual de Desporto’”; “apostilas: o máximo da criatividade e compromisso com o desporto”. Ainda, com relação à nova proposta em um curso de EF: “O curso foi bastante sério, o que me deu uma nova visão da EF enquanto disciplina que, como as outras, também deve ser levada a sério. [...] valeu muito a pena, pois aprendi muito.”; “Excelente, inovador. Com certeza valeu a pena acordar cedo para assistir às aulas!”; “Eu sempre detestei desporto.(...) Desse ano em diante é o que mais gosto.”; “um curso como nunca achei ter um dia, fruto de uma organização ímpar e um esforço visível”; “No geral foi somente excepcional! Foi apenas o melhor curso de EF que já tive e já tomei conhecimento.”

Estas observações denotam um aspecto mais subjetivo do processo pedagógico, porém tão importante quanto (ou até mais importante que, de certo ponto de vista) o critério objetivo, uma vez que o que esperávamos, e continuamos a esperar, é que os alunos

¹⁵ Todos os capítulos, que eram dados um a um, em fotocópias, para uso dos alunos, antes de sua publicação.

absorvam algo que passe a fazer parte de sua estrutura de caráter, de seus modos de reagir ao mundo que os cerca, de suas “lentes” para enxergar e criticar, além de uma capacidade criativa e humana de dar as suas próprias respostas às questões que os afetam. E isto tudo *fora* do contexto escolar; numa analogia, de nada valeria o aluno decorar o procedimento matemático para realizar uma regra-de-três no dia da prova de matemática se, alguns dias depois, ele não tem a menor idéia de como converterá um peso dado em libras para um peso em quilos. Internalizar raciocínios e transportá-los para a vida prática é o mais desejável – e o mais difícil! Para tal, é necessário extrapolar a apresentação pura e fria de idéias, o intelecto, e mobilizar o aspecto emocional do corpo discente, mesmo que de forma indireta, para que ele possa fazer a urdidura dos conceitos apresentados com sua vida pessoal, que é multifacetada (física, intelectual, emocional, espiritual). Daí, se os alunos, quase que unanimemente, se manifestam expressando que Educação Física e esporte são algo mais do que simplesmente jogar bola ou fazer ginástica, então o trabalho tem realmente sido recompensado, e está de pleno acordo com o referencial pedagógico adotado. Não porque tivessem todos eles, alunos do curso, compreendido exaustivamente todos os conceitos tratados no mesmo, mas porque esses conceitos, antes estranhos e/ou limitados ao contexto escolar, são agora parte intrínseca de suas maneiras de decodificar, de “ler” o mundo que os cerca, e essa apropriação de um instrumental, mesmo que limitado, mas que lhes abre as portas para a compreensão e o domínio de várias realidades e conceitos que antes eram apenas obstáculos em seus caminhos, é que constitui a verdadeira alegria que eles manifestam com o curso. E que, diga-se de passagem, já que trabalhou e enfatizou a necessidade de valores éticos, justiça, cooperatividade, honestidade etc., também contribuirá na construção de uma sociedade mais justa.

.....

A apostila está feita. Segundo o autor deste projeto, ela continua com a mesma aparência que tinha quando apenas o primeiro capítulo estava feito: ainda há muito que fazer! Ela pode melhorar ainda mais, tendo em vista tanto a premência de uma prestação de contas para com todo um aparato burocrático, que aliás possibilitou ou viabilizou este projeto, mesmo que fortuitamente, quanto a questão real de que, afinal, nada neste mundo é um produto acabado no sentido definitivo, e de que os problemas continuam clamando por soluções, mesmo que paliativas. Então a apostila já é o resultado e a resposta. O autor se declara (muito humildemente) em simpatia com Will Durant, que por sua vez se declarou em simpatia com Tai-T'ung, “que no século XIII lançou com estas palavras a sua *História da escrita chinesa*: ‘Se eu esperasse a perfeição, este livro não seria terminado nunca.’”¹⁶

O projeto previa, também, o parecer técnico da apostila dado por professores da área. Estes professores já foram contatados e se comprometeram a gentilmente emitirem os seus pareceres; no entanto, devido a questões pessoais de cada um, não foi possível a inclusão de tais pareceres neste relatório final dentro do prazo estabelecido pelo sistema Paetec. Ao longo do processo, no entanto, o autor apresentou alguns capítulos da apostila a diversos professores do CTNM para que estes, dentro de suas respectivas áreas de atuação, pudessem dar um parecer que servisse de parâmetro no processo de finalização da apostila. Foram estes os professores de história, de filosofia e o então chefe do departamento onde se situava o CTSG (atual CTNM). A todos eles deixamos aqui nossos agradecimentos pelas observações, sugestões e estímulo.

¹⁶ Durant, W. *Nossa herança oriental*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 19--.

Referências

DURANT, W. *Nossa herança oriental*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 19--.

FOX, E.L.; MATHEWS, D. K. *Bases fisiológicas da Educação Física e dos desportos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1986.

GHIRALDELLI JR., P. *Educação física progressista*. São Paulo: Loyola, 1989.

LIBÂNEO, J.C. *Democratização da escola pública*. 9ª ed. São Paulo: Loyola, 1990.

MAGILL, R.A. *Aprendizagem motora*. São Paulo: Edgard Blücher, 1998.

MEDINA, J.P.S. *A Educação Física cuida do corpo... e “mente”*. Campinas: Papirus, 1989.

OLIVEIRA, V.M. *O que é Educação Física*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SAVIANI, D. *Escola e democracia*. 24ª ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.